

# O CONCEITO DE LIBERDADE NO EXISTENCIALISMO DE JEAN-PAUL SARTRE

Escovalo Gabriel Domingos<sup>1</sup>

Léo Peruzzo Junior<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho pretende analisar de que modo se dá a liberdade e responsabilidade no existencialismo<sup>3</sup> do filósofo francês Jean-Paul Sartre. Para isso, primeiramente, mostramos como o filósofo descreve os conceitos de liberdade e responsabilidade para, na sequência, indicar como eles são responsáveis por desenhar a ideia de existência humana. O existencialismo de Sartre é, antes de tudo, uma sabedoria do homem, pois trata do próprio existir humano. Assim, o pensamento sartriano, apresentado em *O Ser e o Nada*, pode ser caracterizado como verdadeiramente filosofia da liberdade e da responsabilidade. Por fim, o trabalho mostra como o filósofo francês assume uma concepção genuína de humanismo, capaz de tornar a vida humana compreensível em termos de cooperação e solidariedade.

Palavras-chave: Liberdade. Existencialismo. Existencialismo Sartriano. Ser. Para-si. Em-si.

## ABSTRACT

This work aims to analyze how freedom and responsibility unfold in the existentialism of the French philosopher Jean-Paul Sartre. Firstly, we illustrate how the philosopher describes the concepts of freedom and responsibility and then indicate how they play a crucial role in shaping the idea of human existence. Sartre's existentialism is, above all, a wisdom of humanity, as it deals with the very essence of human existence. Thus, Sartrean thought, presented in "Being and Nothingness," can be characterized as genuine philosophy of freedom and responsibility. Finally, the paper demonstrates how the French philosopher adopts a genuine conception of humanism, capable of making human life understandable in terms of cooperation and solidarity.

Keywords: Freedom. Existentialism. Sartrean Existentialism. Being. For-itself. In-itself.

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: kapangoescovalo@gmail.com

<sup>2</sup> Orientador da Pesquisa. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: leo.junior@puccr.br

<sup>3</sup> *Existencialismo*: entendido como uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda a verdade e toda ação implicam um meio de subjetividade humana (SARTRE, 1946, p. 235). Existencialismo: não deve ser compreendido como sendo uma filosofia do quietismo, visto que define o homem pela ação; nem deve ser definido como pessimista do homem: não há doutrina mais otimista, visto que o destino do homem está nas suas mãos [...] (SARTRE, 1946, p. 272).

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo elucidar o conceito existencial de liberdade apresentado por Sartre, possibilitando também esclarecer alguns conceitos pertinentes a esta corrente filosófica. Procura-se também de início estabelecer um confronto entre os conceitos liberdade, no senso comum e a liberdade na ótica do filósofo Sartre que é muito atual no nosso tempo. Decerto, sendo uma das questões fundamentais da filosofia é pensar acerca da liberdade, o objetivo principal desta pesquisa foi construído sobre a seguinte questão: como Jean-Paul Sartre pensa e descreve acerca de liberdade nos seus escritos primeiros? Ao longo da história diversos pensadores buscaram conceituar a liberdade. Os filósofos antigos, os medievais, os modernos e os contemporâneos responderam conforme seu contexto histórico. Não somente os filósofos ilustres, mas qualquer pessoa ao longo de sua existência vital já pensou ou foi convidada a refletir sobre o que é ser livre.

O tema da liberdade pode ser abordado em várias perspectivas, mas antes é necessário responder à pergunta essencial: o que é liberdade? Responder esta pergunta é pensar acerca da liberdade e não falar sobre a liberdade. Falar e pensar sobre a liberdade é estar fora da questão fundamental, é pensá-la no sentido político, moral e civil, onde, no senso comum e com base aos dicionários, a liberdade “é apenas um exercício de cidadania de um indivíduo dentro dos limites da lei” (LAROUSSE, 2004, p. 462). A liberdade pode também ser caracterizada como a escolha que o homem faz de seu próprio ser e do mundo. Mas por se tratar de uma escolha, ao passo em que é feita, geralmente indica outras muitas escolhas quanto possíveis. A possibilidade dessas outras escolhas não é explicitada ou proposta, mas é vivenciada e expressa no absurdo da existência. Este absurdo consiste no fato de Sartre perceber que, apesar de toda a liberdade que se pode ter, de todas as decisões que se podem ser tomadas, não se pode escolher não escolher, não optar, não tomar decisões. Somos responsáveis, os únicos responsáveis, por cada uma de nossas ações. Construimos nossa existência. Assim, para Sartre, a Liberdade “devora” a própria Liberdade, pois afirma que “ninguém entrou minha liberdade, foi a minha vida quem a bebeu” (SARTRE, 1996, p. 264).

O filósofo francês Jean-Paul Sartre é considerado um dos maiores pensadores do século XX e representantes do existencialismo. Mas se faz necessário situá-lo dentro dessa corrente filosófica, pois há duas vertentes, ou escolas principais, nomeadamente: o existencialismo cristão e o existencialismo ateu. No existencialismo cristão encontra-se os seguintes filósofos: Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Chestov e Berdiaev de confissão católica; e no existencialismo ateu: Martin Heidegger, os existencialistas franceses e o próprio Sartre. Todos esses têm em comum simplesmente o fato de admitirem que a existência precede a essência, ou seja, todos partem da subjetividade (SARTRE, 2002, p. 238).

A filosofia sartriana é um vasto campo, podendo ser vislumbrado por diversas formas. Neste sentido, este estudo é um olhar limitado nesse grande campo filosófico. Por isso, este artigo científico, longe de tentar abarcar toda filosofia de Sartre, é um pequeno ensaio, um trabalho finito. Sendo o existencialismo do Jean-Paul Sartre uma filosofia da liberdade, ter-se-á por objetivo compreender o conceito de liberdade em Sartre, utilizando como metodologia a pesquisa bibliográfica/revisão de literatura nas obras *O Ser e o Nada* e *O Existencialismo é um Humanismo*. O foco, como já dito, será o conceito de liberdade, conceito este muitas vezes mal compreendido, ou talvez confundido com as concepções já existentes (livre arbítrio, e liberdade do senso comum), o que concedeu ao existencialismo acusações de anarquismo e gratuidade, já que então cada um poderia fazer o que bem entender. Para isso utilizar-se-á de seus comentadores e de outros estudiosos existencialistas.

O presente artigo traz, portanto, como proposta, o esclarecimento deste conceito de Liberdade em Sartre, mais realista em relação à existência humana, bem como de outros conceitos a ela relacionados, caracterizando assim o existencialismo sartreano. Espera-se colaborar para uma compreensão mais aproximada do conceito proposto por esta corrente, e uma visão menos distorcida do próprio existencialismo.

## **1 A GÊNESE DO EXISTENCIALISMO NA FILOFOFIA CONTEMPORÂNEA**

Sartre ao resgatar o tema da existência diante do nada, pretende mostrar que há espaço para o exercício da liberdade humana (SARTRE, 2013, p. 559). Neste sentido, nosso artigo busca identificar de que modo Sartre, em seus escritos iniciais, reconfigura o tema da metafísica a partir uma cartografia do Ser<sup>4</sup> diante do próprio mundo (SARTRE, 2013, p. 593).

O movimento filosófico existencialista difundiu-se na Europa em um momento de crise em todas as esferas sociais, consequências da Segunda Guerra Mundial, a qual engendrou sentimentos de desespero, de descrença na ideologia burguesa e dos valores morais vigentes. Tendo surgido no século XIX com o pensador dinamarquês Kierkegaard; porém, foi com Sartre que o existencialismo alcançou seu apogeu no século XX (PERDIGÃO, 1995). Esta corrente filosófica ainda teve influência da fenomenologia de Husserl, método adotado para compreender e descrever os fenômenos tais como

---

<sup>4</sup> Quando Sartre utiliza o termo Ser em suas obras, de modo particular na obra *O Ser e O Nada*, ele está se referindo à existência humana em seu sentido mais amplo. Em sua filosofia, Sartre argumenta que a existência humana é caracterizada pela liberdade radical e pela ausência de uma natureza pré-determinada (SARTRE, 2013, p. 593).

eles parecem ser, descartando a possibilidade de uma verdade anterior ou interior aos fatos. Para Sartre, o ponto central do pensamento existencialista é que a existência precede a essência, demarcando que não existe uma natureza humana, tampouco determinações anteriores à existência (SARTRE, 2013, p. 239).

O existencialismo, na sua gênese, passou a ser compreendido como um estilo de vida, como um arsenal de comportamentos identificados àqueles excêntricos, subversivos, e contrários a qualquer moral. De modo bastante arbitrário, o existencialismo foi sendo erroneamente compreendido, a começar pelo próprio termo. O termo “existencialismo” se origina da palavra *existentia*, que em latim é derivada de *existere*, a qual significa sair de casa, de um esconderijo. Existência, portanto, é todo esse movimento para fora, esse voltar-se para algo que não é anterior à existência, que não é essência. Segundo Sartre, o homem nasce um “nada” de determinações, pois não possui um destino traçado a priori, ao contrário, passa a se construir a partir da livre escolha de seus projetos e conseqüentemente da possibilidade de alterá-los, conferida pela liberdade. Desse modo, estamos condenados a ser livres (SARTRE, 2013, p. 254).

Além deste entendimento do existencialismo, este ainda foi compreendido e atacado como uma filosofia pessimista, devido à ênfase na responsabilidade do ser humano pelos seus atos. O movimento não era bem-visto, a sociedade caracterizava o existencialista como um ser: amoral, depravado, excêntrico, melancólico, individualista, subversivo, promíscuo, desapiedado, marcado por uma angústia peculiar. O caráter negativo foi tão difundido que até o Papa Pio XII, na encíclica *Humani Generis* (12/08/1950) definiu o existencialismo como: “pseudofilosofia”, a qual se preocupava apenas com a existência, negando as essências imutáveis e absolutas<sup>5</sup>. Alguns filósofos definiram a filosofia de Sartre como: “mística do inferno”. O filósofo Gabriel Marcel, por exemplo, afirmou que Sartre era: “[...] um sistemático blasfemador que disseminou à sua volta as perniciosas lições e os mais venenosos conselhos já despejados sobre os jovens por um corruptor conhecido” (PERDIGÃO, 1995, p. 20).

Feita às concepções prévias, nos três pontos a seguir será discutido sobre o existencialismo em seu modo filosófico, o existencialismo sartriano e o ser humano como existente.

<sup>5</sup> Papa Pio XII. **Humani Generis**, p.6. Disponível: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_12081950\\_humani-generis.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html). Acessado em 15 de maio 2023.

## 1.1 O EXISTENCIALISMO E FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA

Assim como afirmou-se anteriormente, o existencialismo e a filosofia da existência são termos frequentemente utilizados de forma intercambiável para descrever uma corrente filosófica que se desenvolveu ao longo do século XX e que se concentra nas questões fundamentais da existência humana. Embora haja certa sobreposição entre esses conceitos, é importante destacar suas nuances distintas (SARTRE, 2013).

O existencialismo, corrente filosófica que explora a natureza da existência humana, encontra em Jean-Paul Sartre um de seus principais representantes. Esta corrente filosófica, ganhou destaque através de pensadores como Søren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Albert Camus e Simone de Beauvoir. Esses filósofos exploraram temas como a liberdade, a angústia, o sentido da vida, a autenticidade e a responsabilidade individual (FLYNN, 2013, p. 17). O existencialismo enfatiza, portanto, a experiência vivida do indivíduo e sua capacidade de fazer escolhas e determinar seu próprio destino (SARTRE, 2013). A existência humana é considerada como uma jornada individual, em que o indivíduo é livre para criar seu próprio significado e valor (PILLAR, 2022).

As raízes do existencialismo têm sua origem na fenomenologia, e esta, em sua visão de mundo, dividiu os seres que o constituem em seres *Em-Si* e *Para-Si*, o primeiro conceito abrange tudo que existe no mundo, com exceção da consciência humana, que é entendida como *Para-Si* (PERDIGÃO, 1995). Uma colocação da fenomenologia é que este ser *Para-Si* (consciência) não é dotado de uma interioridade, algo escondido que deveria ser descoberto. Não há uma realidade oculta no *Ser*, ou seja, tudo que o *Ser* é está no que aparenta, nos fenômenos (SANTANA, 2005).

Sendo a realidade do *Para-Si* consciência, e considerando que toda consciência é consciência de algo, esta se apresenta absolutamente voltada a algo, ou seja, é intencional. Por não possuir conteúdo por si só, sempre que a consciência se voltasse para si mesma, na busca de algo original e anterior à existência, que pudesse fundamentar o ser, deparar-se-ia com o Nada, uma ausência de um ser (SANTANA, 2005). Seria, então, consciência de si apenas quando é consciente de um objeto. “A consciência nada tem de substancial, é pura ‘aparência’, no sentido que só existe na medida que aparece” (SARTRE, 2001, p. 28).

Neste viés, percebe-se como destacado nos objetivos gerais, no início desta pesquisa que, Sartre enfatiza a liberdade como um aspecto central da existência humana, sendo responsável por moldar a nossa essência e determinar nossas ações. Ele destaca a necessidade de assumir a responsabilidade por nossas escolhas, uma

vez que somos os únicos responsáveis por nossa própria existência (SARTRE, 2013). Na sua filosofia existencialista, Sartre coloca a liberdade e a responsabilidade individual como elementos fundamentais da existência humana. Suas obras exploram a angústia existencial diante da liberdade, a necessidade de autenticidade e a importância de enfrentar as contradições e incertezas da vida (SARTRE, 2013).

Não é certo conjunto de ideias, de conceitos e teses sobre o que é o existir e ou a existência. A questão principal<sup>6</sup> parte de uma atitude filosófica concreta e real, e não de um modo científico, idealista, espiritualista, determinista ou conceitual. Versa a existência do homem, não a modo de teorema, mas de filosofia da existência (SARTRE, 1987).

A filosofia existencialista e o existencialismo jamais se apartam da realidade humana e do real. O existencialismo, não busca elaborar predefinições do homem fora da existência real dele. Não é um corpo doutrinário fechado de definições universais abstratas tampouco procura aclarar a estrutura geral do todo da existência humana, chegando ao homem com considerações abstratas e, tendo o mesmo como ponto de chegada ou de remate (BEAUFRET, 1976).

A filosofia da existência, portanto, se refere a uma abordagem específica dentro do Existencialismo, desenvolvida principalmente por filósofos como Karl Jaspers e Gabriel Marcel. Essa corrente de pensamento enfatiza a importância da experiência concreta da existência humana, incluindo questões sobre a finitude, a angústia e a relação com o transcendente (SARTRE, 2013, p. 44). A filosofia da existência busca compreender o ser humano em sua totalidade, levando em consideração sua singularidade e as condições específicas de sua existência (SARTRE, 1996).

Feitas as considerações sobre os termos existencialismo e filosofia da existência, no próximo ponto, investigaremos o existencialismo sartriano em consonância com a Simone de Beauvoir.

## 1.2 O PROJETO EXISTENCIALISTA DE SARTRE

A publicação da obra *O Ser e o Nada* (1943) e as posições filosóficas, continuamente expostas nos seus romances, peças de teatro, ou artigos da revista *Les Temps Modernes* (1944) de que Sartre foi fundador, demonstram que este estatuto lhe assenta na perfeição. O pensador parisiense, inspirado por Husserl e Heidegger, faz da existência uma finitude radical ao afirmar que «A existência precede a essência»; crença que o levou a sustentar que o ser humano é liberdade absoluta no sentido em

<sup>6</sup> A análise existencial.

que, enquanto ser pensante, se vai fazendo ou construindo a si mesmo, pois o homem já não tem uma essência que o delimite. Estamos, naturalmente, na presença de um existencialismo ateu de que foi o mais conhecido defensor (SARTRE, 1996).

O encontro de Sartre com a fenomenologia aconteceu, como conta Simone de Beauvoir (2016, p. 138), em um café de Paris, com a própria Simone, que passava o ano no Instituto francês em Berlim. Eles passaram uma noite juntos no Bec de Gaz, na rua Montparnasse e, diz Simone, pediram a especialidade da casa: coquetéis de abricó. Este encontro foi o responsável pelo contato de Sartre com as ideias de Husserl, que o levou a Berlim ainda neste mesmo ano. Tais ideias trazem possibilidades que Sartre já almejava, pois sentia a necessidade de uma “filosofia concreta”, uma filosofia que permitisse falar de “copo”, por exemplo, e isto ser filosofia. “Estás vendo, meu camaradinho”, disse-lhe Aron apontando seu copo, “se tu és fenomenologista, podes falar deste coquetel, e é filosofia (BEAUVOIR, 2016, p. 138). O que perseguia, em outras palavras, era a possibilidade de fazer filosofia admitindo a concretude do mundo.

Foi provavelmente através desta experiência que Sartre compreendeu a fenomenologia tornava possível falar das coisas tais como as via e tocava, tal como elas apareciam para sua consciência. Foi assim afirma Beauvoir (2016, p. 138), que Sartre encontrou o que vinha procurando: “ultrapassar a oposição do idealismo e do realismo, afirmar a um tempo a soberania da consciência e a presença do mundo, tal como se dá a nós”.

O pensador parisiense, desde seu primeiro contato com a fenomenologia de Husserl, já havia compreendido o que a fenomenologia questionar a concepção clássica da ideia de consciência. Tal concepção entedia a consciência como uma espécie de caixa, um lugar, onde as sensações e as imagens se agrupariam (MOUTINHO, 1995, p. 32). Sartre sempre teve horror a chamada “vida interior”, o que o levou a adotar radicalmente a noção de consciência intencional de Husserl e assim postular suas críticas às ideias empregadas pelo estudo da consciência feito pela psicologia. Na introdução de *O Ser e o Nada*, ele se propõe a realizar esta tarefa (SARTRE, 1943).

Husserl não cansa de afirmar que não se pode dissolver as coisas na consciência, concorda Sartre (1996, p. 55). Ao percebermos um objeto, ele está localizado, *situado*, espaço-temporalmente no mundo, não há como captá-lo para “dentro” da consciência, posto que não podemos entendê-la através de noções substancialistas como *dentro* e *fora*. Diz Sartre:

Husserl mostrou que a consciência é um eterno movimento para fora de si, para além de si, ao que não é si mesmo, e essa necessidade de existir como consciência de outra coisa que não ela mesma, ele a chama de intencionalidade. (SARTRE, 1996, p. 57)

É nesta ideia husserliana que Sartre baseia todo seu pensamento, inclusive contra seu próprio mestre, o que desde início aponta sua radicalidade em relação a este conceito.

A existência humana foi alvo de profundas reflexões literárias e filosóficas, desde o século XIX até o século XX, tendo Sartre e Simone como dois de seus principais expoentes. Para o existencialismo, a existência é o ponto de partida da reflexão filosófica. A filosofia deve refletir sobre o homem no mundo, sobre o ser-no-mundo e, por isso, tem uma função eminentemente prática. O existencialismo destaca o valor da pessoa, da existência, da liberdade; acentua mais a vivência do que o “ser”. O cerne do pensamento existencialista é de que “a existência precede a essência” (SARTRE, 1996, p. 239), no sentido de que o ser humano é aquilo que quiser ser. O homem é livre sendo ele o único responsável pelo que faz de si mesmo.

Em suas análises filosóficas Sartre afirma que o homem foi lançado em um mundo que não escolheu: não escolheu seu nome, sua classe social, sua forma física etc. Mas, desde que foi lançado no mundo, está condenado a escolher: escolher sua vida, sua liberdade. Ao homem só resta a liberdade. E é ela que determina a escolha. Sartre identifica o homem com a sua liberdade: a vida do homem não está de modo algum determinada como em uma planta, cujo futuro já está “inscrito” na semente; o homem é o artífice do seu futuro. E não há como se desculpar: somos responsáveis por nossas glórias e por nossas tragédias; se falirmos ou vencermos, falimos ou vencemos porque escolhemos a derrota ou a vitória. Ninguém nasce covarde ou herói, diz Sartre. O covarde se fez covarde, assim como o herói se torna herói. O homem escolhe livremente o seu futuro. Ele pode escolher ter ou não ter filhos, se alistar ou desertar em caso de guerra, mas não pode deixar de escolher. Não escolher já é escolher, mesmo sendo uma atitude de fuga provocada por algum medo (SARTRE, 1996, p. 239).

Sartre que afirma esse “homem não é outra coisa senão sua vida” (SARTRE, 2013, p. 43). Com este argumento, ele busca ressaltar a condição humana. O ser humano é um ser existente, um vivente. Neste sentido, a existência está intimamente ligada com a consciência, a qual leva o homem a ter uma ação, uma atitude, ela é a própria realidade-humana. É na existência que o ser humano constrói o seu ser. A construção de seu ser se deve unicamente a ele mesmo. E desta forma, em Sartre, a existência pode ser compreendida como consciência, agir, projeto e responsabilidade (SARTRE, 2013, p. 536).

[...] Existência que é consciência, existência, que é projeto, existência que é temporalidade, existência que é agir, existência que é responsabilidade; numa palavra, existência que é realidade-humana, que não é só do homem, mas sim deste homem, daquele homem [...] é esta, para a doutrina sartriana, a Existência autêntica, digna dos esforços da investigação filosófica, dos sacrifícios dos inconformistas que reagem contra a má-fé em toda a atitude moral (SARTRE, 2013).

Segundo Sartre, o homem se lança para um futuro, é protagonista do seu próprio futuro, é o único responsável por seu vir-a-ser. Ele afirma que o homem é aquilo que projeta ser; e que o futuro depende de ação livre: “o homem é o futuro do homem” (SARTRE, 2008, p. 33). Sendo o homem diferente dos outros seres – sem determinação prévia - o homem pode criar um futuro para si mesmo, algo que o torna diferente de um musgo, uma mesa, uma caneta, uma couve-flor. O vir-a-ser do homem é uma atividade possível a partir de sua liberdade.

O homem é, inicialmente, um projeto que se vive enquanto sujeito, e não como um musgo, um fungo ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a esse projeto; nada existe de inteligível sob o céu e o homem será, antes de mais nada, o que ele tiver projetado ser. Não o que vai querer ser. Pois o que entendemos ordinariamente por querer é uma decisão consciente que, para a maior parte de nós, é posterior ao que fizemos efetivamente de nós mesmos. (SARTRE, 2008, p. 26)

O ser humano, portanto, poder ser, uma totalização-em-decurso, um partir no sentido do futuro, um salto adiante de mim e do mundo. *A verdadeira estrutura de uma vida humana é o estado perpétuo de “Ser-para-além-de-si-mesmo-em-direção-a” [...]* sou um ultrapassar do presente: quando ajo, supero as condições atuais para alcançar uma condição futura (SARTRE apud PERDIGÃO, 1995, p. 82).

Assim como Sartre, Simone de Beauvoir é outra figura importante considerada uma escritora e filósofa existencialista. Para Beauvoir, é no mundo dado que estão repousadas as possibilidades existenciais que se realizam em cada indivíduo, no momento em que ambos, tanto o indivíduo quanto o mundo dado são revelados em suas particularidades. Para Beauvoir a liberdade humana é pensada em um mundo já dado e constitui-se a partir de uma dialética entre duas escolhas: assumir-se como um sujeito livre ou “demitir-se” dessa condição. Demitir-se dessa condição é acomodar-se e aceitar o determinismo existencial. Assumir a liberdade é admitir os condicionamentos da existência humana, mas também aceitar que somos seres inconclusos e inacabados e aquilo que fizermos da nossa existência será determinada pelas escolhas que fazemos ao longo da vida.

Uma das afirmações mais conhecidas do existencialismo em questão é, como colocado já nas falas acima, a de que o ser humano está condenado à liberdade. Isso significa que cada pessoa pode a cada momento escolher o que fará de sua vida, sem que haja um destino previamente concebido. A liberdade é que torna possível escolher dentre todas as alternativas possíveis, aquela que vai nos levar a um caminho mais curto em direção ao nosso projeto de vida.

Para Sartre o homem está condenado a ser livre. Para Simone a existência humana é marcada pela ambiguidade da escolha: escolher “ser” quando se assume como livre

ou escolher “não-ser” quando se demite da sua liberdade; a possibilidade de demitir-se ou assumir sua condição de sujeito livre (BEAUVOIR, 2016).

Além disso, a ideia de que “a existência precede a essência” e de que os seres humanos, homens e mulheres, só se definem a partir de sua existência é aceita por Simone de Beauvoir e foi o que levou a autora da obra *O Segundo Sexo* a afirmar que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016, p. 9).

*O Segundo Sexo* abriu, por assim dizer, o debate político que lançou as matrizes teóricas, intelectuais e políticas para um projeto de libertação feminina e tem contribuído para transformar a visão de milhares de homens e mulheres sobre a vida em sociedade e suas condutas. O livro de Beauvoir se tornou uma das obras pioneiras dos estudos sobre as mulheres e, posteriormente, das relações de gênero.

Feitas as devidas considerações a respeito do existencialismo, do existencialismo sartriano e do existencialismo de Simone de Beauvoir, nos próximos itens, abordaremos as concepções acerca do *Ser* e seus modos para se chegar à compreensão da realidade-humana na perspectiva sartreana.

## 2 O SER DIANTE DO VAZIO

Na modernidade, é notável o comportamento do homem quando se trata de si mesmo. Ele expõe seus sentimentos de alegria, medo, esperança, etc., e esses sentimentos, muitas vezes, são movidos apenas pela exterioridade. A pessoa, de fato, não sabe ao certo o que está sentindo. Pode-se dizer que o vazio existencial – que é o *Nada* – coloca o ser e a consciência em questão, visto ser a falta de algo. Com isso, causa um medo no homem, uma indefinição e um desespero por ter que enfrentar a si mesmo.

Tendo em vista apenas as suas preocupações, o homem corre o risco de cair na tentação de passar o tempo todo reclamando de sua vida, vivendo, como resultado, uma vida sem sentido, uma vida monótona, que se torna apenas uma rotina corriqueira, sem valor e sem sentido. Essa falta de sentido que vai se aderindo à vida é resultado justamente da incapacidade de autorreflexão de si mesmo e da falta de agir coerentemente com a sua razão. Devido a esses atritos da vida, o homem perde o desejo de pensar no seu mundo interior, perdendo a potencialidade de viver a sua vida.

Na entrevista que Sartre concedeu a Benny Lévi, o filósofo apresenta que: “havia no desespero uma imagem lúcida do que era a condição humana” (SARTRE, 1996, p. 18). O autor quer mostrar que o desespero, devido à falta de sentidos, de objetivos, de finalidade, torna-se parte da vida do homem. Tendo em vista esse contexto em que o

homem já não olha com um olhar crítico sobre a sua própria vida, o existencialismo vai ajudar de uma maneira muito especial, principalmente partindo do pressuposto das obras de Jean-Paul Sartre, a repensar a caminhada da vida, e ver o que é necessário ser refletido para que haja uma melhora.

O conhecimento de si mesmo implica em reconhecermos a nossa própria finitude. É o *Nada*, que está em nosso interior e que não somos capazes de encarar, que nos aniquilará. O que falta ao homem é consciência de sua facticidade. Estamos lançados no mundo como um barco sem rumo. (SARTRE, 1987, p. 91)

É interessante notar que no existencialismo de Sartre vai surgir o “ser em si”, e o “ser para si”. Nota-se que na filosofia sartriana o homem não é um ser em si, pois ele não é um objeto inanimado, como as coisas do mundo. O homem de fato é o “ser para si”. Porque possui consciência de si mesmo. A falta de sentido na vida perpassa pela consciência de si mesmo, que é a falta de reflexão, para se viver de uma maneira melhor e com autonomia.

Também a falta de sentido da vida passa pela consciência de liberdade, como expõe Sartre: “É na liberdade que o homem toma consciência de sua liberdade [...] na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão” (SARTRE, 1987, p. 72).

Embora o autor entenda que os homens devam ter responsabilidade pelas suas escolhas, mostra-nos que os indivíduos não querem assumir tal responsabilidade de seus atos, por isso, eles sempre pendem para o ficar nas costas do outro, quer dizer, preferem que os outros escolham para ele, porque é mais viável e preferível. Quando isso ocorre, de o homem não querer escolher e sim jogar a sua responsabilidade no outro, Sartre diz que é má-fé, visto ser incapaz de escolher para o seu próprio bem.

O filósofo parisiense se aprofunda nesse tema, afirmando que os indivíduos veem as situações ao seu redor com um olhar pessimista, aceitando tudo na vida sem criticar, utilizando-se do pensamento comum de que aquilo é a vontade de um deus, por isso, está acontecendo e não adianta reclamar, já que não poderá mudar o seu destino.

O medo e a incapacidade de escolher levam, portanto, o homem a uma falta de sentido, a um vazio existencial, a um nada, no qual esse nada é o não-ser, é o não se realizar, é o cansaço, é a fraqueza de não querer lutar mais pelo sentido de sua própria vida.

(...) principalmente o enaltecimento do valor econômico e da autonomia do indivíduo na modernidade e nas realizações ainda em marcha na epocalidade histórica, o homem migra da dimensão do ser para a dimensão do ter, da esfera material. (FOUCAULT, 2010, p. 387)

Esse processo de não refletir sobre o seu ser na modernidade é a causa de tantas confusões interiores no homem, tendo em vista que ele não consegue pensar sobre a sua finitude, mas que ele apenas mira para uma reflexão do ter, aqui de modo direto seria o ter, a materialidade, as coisas externas, influenciada pela sociedade.

O vazio surge, portanto, na medida em que o homem não se prepara para ser no mundo e, em decorrência disso, as frustrações surgem juntamente com uma profunda briga consigo mesmo a respeito de sua própria existência, dando a ele a sensação de que é um ser inacabado.

Pode-se dizer que o mundo coloca o homem à frente de si mesmo, com sua realidade nua e crua, com seus medos, felicidades e desejos, e isso pertence ao próprio homem, na sua subjetividade, no ser a si mesmo. Nas tomadas de decisões, o que deve prevalecer nas respostas é o ser de cada homem, mas, quando não ocorre, o vazio existencial e a falta do sentido da vida tomam conta.

O viver parte de um pressuposto de escolher, isto é, viver é uma escolha, e é partindo dessas escolhas que cada ser humano faz que irá caracterizar a sua essência. Para Sartre “ao escolher a si próprio, a sua existência, o homem escolhe por toda a humanidade, ou seja, as escolhas podem afetar o mundo, a sociedade na qual esse homem vive” (SARTRE, 2018, p. 27).

Sendo assim, as escolhas feitas pelos homens causam uma angústia, um desespero neles mesmos, pois tais escolhas trazem, também, um sentimento de responsabilidade que faz as pessoas perceberem que são responsáveis por si mesmo e, conseqüentemente, por todo o mundo. É uma agonia do próprio homem não saber se o que ele projetou vai realmente dar certo ou não, pois sua escolha pode falhar a qualquer hora. Por isso, Sartre usa a famosa frase “o homem está condenado a ser livre (SARTRE, 2018, p. 33).

Por isso, na segunda, veremos o sentido da vida para esse vazio quando tratar-se sobre a liberdade e responsabilidade para que esse nada do homem possa ser preenchido.

### **3 LIBERDADE E RESPONSABILIDADE**

A quarta parte de *O Ser e o Nada*, intitulada “Ter, fazer e ser” (SARTRE, 2013, p. 533), expõe a liberdade concreta, em situação, em oposição a uma liberdade abstrata. Ter, fazer e ser são categorias cardeais da realidade humana, que permitem clarificar a conduta do para-si buscando, incessantemente, ser um *Em-Si* e *Para-Si*. Sartre diz que com isso se pode entender o para-si a partir da ação, em que esta é pura expressão

da liberdade. A liberdade, nesse sentido, é compreendida como nadificação, não tem essência, daí a crítica do filósofo a toda forma de determinismo. Em Sartre, a liberdade não é uma qualidade ou característica a mais no homem, como se, além de ser homem, se fosse livre. O homem é livre, liberdade e homem são a mesma coisa na filosofia sartriana, em que se fazer, agir, ou seja, escolher, é tentar ser definitivamente – o que resulta em ser condenado à liberdade e fracassar (SARTRE, 2013, p. 536).

A partir do modo como o pensador parisiense tematiza a liberdade, é possível entender que um motivo ou móbil só pode fazer sentido e ter importância para uma ação-escolha segundo um determinado projeto original do para-si (de tentar ser um *Em-Si*), o que acaba por expor os conceitos de “angústia” e “responsabilidade” correlacionados à liberdade (SARTRE, 2013, p. 677).

Articular o conceito de “liberdade” com o ter, o fazer e o ser ajuda a entender, de certa forma, o pensamento sartriano principalmente entre os anos 1930-1950 – período em que lança e defende suas teses sobre a precedência da existência em relação à essência, a dessubstancialização da consciência, uma radical confrontação com teorias deterministas e a experiência humana em sua concretude. Segundo Reimão, “a ideia básica do percurso filosófico de Sartre é a liberdade. Onde nós somos aquilo em que, pelo exercício da liberdade, nos tornamos” (REIMÃO, 2005, p. 125).

Fala-se, por exemplo, de liberdade de consciência, para adotar ou exercer as opiniões religiosas julgadas verdadeiras; liberdade de pensamento, ou direito que cada um tem de manifestar as suas opiniões políticas e religiosas. Todas as concepções de liberdade estão voltadas à manifestação sem impedimentos, e sem que exista punição. Diz-se que uma escolha é livre, quando não houve influência ou coação de outrem. Considera-se um sujeito livre, aquele que pode transitar na sociedade sem restrições. Diz-se normalmente “não sou livre para fazer isso” quando existe algo que dificulte ou impeça a realização do proposto. Deste ponto de vista, ser livre seria estar desimpedido física e psicologicamente.

Para Sartre, porém, a liberdade não assume este cunho, de realizar projetos, desejos ou vontades sem que haja impedimentos. Tal concepção é considerada pelo teórico uma liberdade de sonho (PERDIGÃO, 1995). O êxito ou fracasso de um projeto não são importantes para o que Sartre chama de liberdade. São, na verdade, posteriores a ela. Liberdade seria “a faculdade de se conquistar o desejado, o dom de se obter os fins elegidos” “a verdadeira liberdade não é a liberdade de obtenção, mas a liberdade de eleição” (PERDIGÃO, 1995, p. 89).

A liberdade, dentro da visão existencial, caracteriza-se pela possibilidade do ser *Para-Si* (consciência) planejar suas realizações, sem que haja uma natureza humana que o impeça disto. Sendo o *Para-Si* entendido como um *Nada*, não existiriam conteúdos

dados, ou inatos que o impulsionariam para esta ou aquela realização. Logo, o fato de ser *Nada* colocaria a consciência perante a possibilidade de planejar-se, construir-se, escolher-se (SARTRE, 1987).

Entendamos melhor. Diferentemente dos seres *Em-Si*, que possuem essência e por ela são determinados, os seres *Para-Si*, ou seres humanos, são “jogados” no mundo sem qualquer conteúdo, plano, interioridade ou fim, são simplesmente existências, e por isto é que são livres para fazerem de si o que bem “quiserem”, estabelecendo assim, na sua ação, suas essências (SARTRE, 2013).

Sartre, em um de seus mais conhecidos aforismos, dizia “Eu estou condenado a ser livre”, já que, nesta ausência de essência da consciência, esta se vê obrigada a projetar, a construir-se, já que a única escolha que não se pode fazer é a de não ser livre. O ser livre só pode existir porque, segundo ressaltado anteriormente, é *Nada*. Ou seja, não possui conteúdos a priori que determinam suas escolhas. Segundo Santana (2005), por ser faltante é que o ser humano se constitui como ser dos possíveis, existindo uma responsabilidade da consciência ou *Para-Si* em escolher o ser. Logo, o ser seria dotado da possibilidade de fazer-se (SARTRE, 2013).

O fato de ser faltante (ou nada), ainda coloca este ser como inacabado. Não há um fim a atingir e pronto. Quando se chega ao fim estabelecido pelo projeto, se criam outros, e é esta possibilidade que caracteriza os humanos como livres, sermos seres faltantes: há sempre continuidade, só a morte pode pôr fim a isto (SARTRE, 2013). Não há um projeto dado, não há um *script* a ser seguido, no qual a vivência caracterizar-se-ia apenas pelo cumprimento de tarefas. Há sim a falta desse *script*, uma existência cuja essência é construída nas escolhas. Logo, a cada vez que o ser agir, ou deparar-se com uma escolha, nada além do seu próprio projeto (construído após a existência estar dada) o fará optar por isto ou aquilo.

Liberdade é, portanto, esta capacidade do ser constantemente transcender-se rumo aos possíveis, ao nada, àquilo que ainda não existe, e a partir disto motivar-se para o ato. Entende-se que, caso o ser fosse determinado, essa análise de possibilidades não existiria ou pouco adiantaria, pois sua resposta já estaria dada (SARTRE, 2018, p. 687).

É importante dizer que a liberdade à qual o ser humano está condenado, subentende que todos os possíveis não são realizados, pois se o fossem não existiria liberdade, haveria sim essência; o ser já estaria determinado a realizar tudo que lhe fosse possível. Não haveria escolha (PERDIGÃO, 1995).

De modo semelhante argumenta Perdigão (1995), na filosofia sartriana a liberdade não é abstrata, não é uma espécie de potência interior pousando no homem. As decisões da consciência não fazem a pessoa ser alta se é baixa e vice-versa. Se a pessoa está presa,

ela não conduz a pessoa cativa a ultrapassar os limites da cela, ela não me transforma por passe de mágica. Por isso, a situação é fator indispensável para a liberdade. A liberdade precisa de algo que a contrarie, precisa de um campo de resistência do mundo, pois sem obstáculos não há liberdade. O homem é livre, é liberdade, pelo fato de seu fim a se realizar, estar separado dele pela existência do mundo real. Contrário ao pensamento do senso comum, de que a resistências são limites da liberdade, Sartre afirma:

[...] as resistências que a liberdade desvela no existente, longe de constituir um perigo para ela, nada mais fazem do que permitir-lhe surgir como liberdade. O homem só pode ser livre em um mundo de resistência. Fora desse dever, os conceitos de liberdade, determinismo e necessidade perdem até o sentido. (SARTRE, 1987, p. 595)

Por isso é preciso ressaltar que contrário ao senso comum: “ser livre” não significa “obter o que se quis”, mas sim “determinar-se por si mesmo a querer (no sentido lato de escolher)” [...] o êxito não importa em absoluto à liberdade. O conceito técnico e filosófico de liberdade, o único que consideramos aqui, significa somente: autonomia de escolha (SARTRE, 1987, p. 594).

A liberdade, ou ser livre não é, portanto, um mero produto de circunstâncias históricas, políticas e morais, a liberdade é sempre liberdade de escolha, autonomia de escolha. O preso, o preso, está sempre livre para tentar fugir, ou seja, independentemente de sua condição, o preso sempre pode refletir sobre sua fuga e encontrar o valor de seu projeto de atividades. Nesse sentido, não há diferença entre escolher e fazer, ou entre intenções e ações (SARTRE, 2013, p. 595).

Pode-se afirmar, portanto, que a liberdade nos aprisiona nela própria, e por isso “a única liberdade que não temos é justamente a liberdade para não escolher sermos livres” (PERDIGÃO, 1995, p. 104). Ela, a liberdade, é fato contingente, nasce com nosso *Ser*, e por isso o homem não pode escolher não ser livre, da mesma forma que não escolhe ser livre: “[...] (SARTRE, 1987, p. 590).

Claramente se percebe na filosofia sartreana a associação da liberdade com a responsabilidade. Para ele, se somos livres, então somos também os únicos responsáveis por todas as nossas atitudes, benéficas ou não. A responsabilidade de nossos atos não incide sobre instituições sociais como a religião, as leis ou ainda o determinismo. Ao contrário, somos os responsáveis pelos atos cometidos e devemos responder por eles.

Para Sartre, o sujeito, acima de tudo, tem a necessidade de ser responsável e amadurecido. Sartre foi muito lembrado pela humanidade, pelo fato de afirmar que o sentido da vida humana é a responsabilidade do homem; em ocasião, de acordo com a ideia central do pensamento existencialista, com o qual “a existência precede a

essência”, pode-se afirmar que o sujeito é o responsável por fazer a essência de sua vida através de suas ações; assim “o homem é responsável pelo que ele é” (SARTRE, 1987).

Corroborando com essa opinião, no livro *O Existencialismo é um Humanismo*, encontra-se:

Que queremos dizer nós com isso, senão que o homem tem uma dignidade maior do que uma pedra ou uma mesa? Porque o que nós queremos dizer é que o homem primeiro existe, ou seja, que o homem, antes de mais nada, é o que se lança para um futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro (...), mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que o homem é o responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. (SARTRE, 1987, p. 04)

O homem, então, para o existencialismo, é o total responsável pela sua existência. Com isso, diante do ato de escolher, escolhendo a si mesmo, ele escolhe todos os homens e é responsável pelos mesmos, “sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem” (SARTRE, 1987).

A escolha está, contudo, no processo de vida de todas as pessoas, e elas sofrem angústias frente a essas escolhas, sofrem também por terem que perceber, aceitar e serem responsáveis diante da escolha de deixar que as outras pessoas influenciem em sua vida, ou diante da escolha que em cada momento o homem tem que fazer para constituir a essência de sua vida. Ele sofre a angústia de assumir a escolha e ter a responsabilidade sobre ela, porém não deixa de fazê-la. Para Sartre (1996) o homem nasceu livre, e não pode deixar de sê-lo, e é o único responsável pelo que faz de si mesmo. É através de sua liberdade que o sujeito pode decidir sobre sua vida, escolhendo-a e sendo responsável pela mesma. A responsabilidade é somente uma simples reivindicação lógica das consequências de nossa liberdade; com isso tudo o que acontece comigo, está à minha altura, “pois aquilo que acontece a um homem por outros homens e por ele mesmo não poderia ser senão humano” (SARTRE, 2013, p. 679).

Tendo consciência de que é o único responsável pelo seu projeto de vida, não havendo possibilidade de se apoiar em desculpas ou sinais, o homem se vê desamparado, desesperado e tomado de angústia. Porém, isso não faz dele imóvel, mas dá a ele a certeza da responsabilidade que tem através de sua ação pela escolha. Todavia, nem todo homem se diz angustiado, uma vez que não se considera único, ou pelo menos,

o único responsável por sua condição, à medida que delibera tal responsabilidade a outros seres ou circunstâncias, o que se caracteriza como mentira ou desculpa. É essa postura que Sartre (2013) intitula como má-fé<sup>7</sup>.

Não se pode viver uma vida de desamparo, como diz Sartre, desviando de suas responsabilidades e de suas escolhas, jogando a responsabilidade de seus atos e ações em um Deus ou pessoa. Suas escolhas têm que ser necessárias para poder definir a sua existência e a sua essência. A sociedade, muitas vezes, está marcada por essa característica do desamparo e da má-fé. Isso é uma atitude hipócrita. Na política, por exemplo, um governo quer jogar a culpa em outro governo para não assumir a responsabilidade do que fez ou deixou de fazer. Isso apenas máscara esse vazio, essa angústia e, automaticamente, está se praticando o desamparo e a má-fé.

Sartre chama a nossa atenção ao afirmar que “Não somos aquilo que fizeram de nós, mas o que fazemos com o que fizeram de nós” (SARTRE, 2013, p. 42).

Essa frase é interessante para terminarmos essa reflexão, pois nos chama atenção para a subjetividade do homem, que é o próprio ser de si. De fato, tudo aquilo que ele faz de si mesmo é responsável pela sua essência e ele é plenamente responsável por todos os seus atos.

É preciso no mundo em que nos encontramos neste século XXI, termos autenticidade, sermos original em si mesmo, sem colocarmos a culpa de nossos atos nas pessoas ou em Deus. Ser autêntico é ter um posicionamento no mundo, caracterizado por boas escolhas, sempre lembrando que quando escolho, as minhas escolhas interferem no meio em que vivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos até aqui, é possível reforçar a importância do assunto abordado, visto que o mesmo pode impactar fortemente na maneira de compreender e ver a sociedade atual. Tendo como base o pensamento do filósofo Jean-Paul Sartre que proporcionou uma pesquisa séria acerca do vazio existencial no homem contemporâneo, em sua obra conhecida como o *Existencialismo é um Humanismo*, é interessante notar o quanto a sua vida tem em seus escritos.

Sartre, portanto, situa-se no existencialismo contemporâneo como um autor preocupado com a compreensão da liberdade dentro da realidade e possibilidade

---

<sup>7</sup> Para Sartre, a *má-fé* é a autonegação da liberdade e da responsabilidade, é agir como se fosse determinado por circunstâncias externas, negando a própria capacidade de escolha e de agir de forma autêntica. É uma forma de autoengano que impede o indivíduo de assumir sua verdadeira essência e liberdade (SARTRE, 2013, p. 92).

humanas. Notou-se que Sartre ao afirmar que o existencialismo é uma doutrina que torna a vida possível, remete sua investigação filosófica ao campo da liberdade. Neste sentido, o existencialismo tem por objetivo ser uma filosofia do homem, um filosofar acerca da realidade do homem que é liberdade.

Em *Existencialismo é um Humanismo*, Sartre procura dar resposta as críticas feitas ao existencialismo. O livro é fruto de uma conferência realizada para debater justamente as propostas filosóficas de *O Ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Por outro lado, o *Existencialismo é um humanismo* é uma tentativa de esclarecer os conceitos do Jean-Paul Sartre, pelo fato da filosofia sartriana ter virado moda.

Na obra *O Ser e o Nada*, o filósofo francês formula as estruturas do Ser (*Em-Si e Para-Si*), a partir disso ele fundamenta a realidade humana, ou seja, se o homem é um existente, como fora confirmado, sua existência é pura liberdade. Neste sentido, sendo a consciência um *Para-Si*, ela é um nada, um vazio que não comporta qualquer determinação prévia, mas, possibilita a liberdade. A outra dimensão, o *Em-si*, é compreendido como “aquilo que é o que”, por isso, pode ser entendido como qualquer objeto, ou coisa do mundo real.

Um dos aspectos centrais do existencialismo francês defendidos por Sartre e Simone, é que a realidade humana é liberdade e um projeto e não pode ser definida como permanência. O homem é um ser-no-mundo, surge no mundo, e só se define a partir de sua existência, tal como a si próprio se fizer. Não há uma natureza humana que o defina. O homem, por sua livre escolha, é o que projeta ser.

É também partindo da certeza da finitude de cada homem que se deve procurar dar um sentido para tudo o que faz na vida. Por isso, segundo Maria:

Por fim, pôde-se compreender que o conceito de liberdade em Sartre, é à base sua reflexão filosófica. A liberdade na concepção existencial trata-se, portanto, da capacidade do ser humano fazer-se continuamente, e não de realizar os possíveis, como diria o senso comum. Ser livre não é opcional, é algo inerente à existência. Assim, segundo Sartre, estamos condenados a ser livres, e a única escolha que não se pode fazer é a de não ser livre. Tal concepção de liberdade só é possível pela valorização da subjetividade em detrimento dos determinismos. O existencialismo contradizia as teorias tradicionais, que pregavam uma essência do ser humano, e valorizava a existência. O ser humano primeiro existe e depois se faz.

A meta principal de Sartre é justamente demonstrar que o homem é livre. Sartre não afirma que o ser humano tem liberdade, mas que é liberdade. A liberdade identifica-se com o ser da consciência (*Para-si*), que é nada de ser. Não há nenhuma razão motivadora que possa determinar o seu *Ser*; ao surgir, o *Para-si* (o homem) não é definido por uma

essência pré-existente, mas é antes de tudo liberdade. Por fim, ao afirmar que somos condenados a ser livre, a filosofia de Sartre, apresenta-se como grande relação paradoxal entre liberdade e fatalidade. Tal afirmativa indica que o ser humano não pode evadir-se da própria liberdade, e por isso: [...] O homem não poderia ser ora livre, ora escravo, mas é inteiramente e sempre livre, ou não é (SARTRE, 1987, p. 545).

Diante do exposto, torna-se evidente que a filosofia de Jean-Paul Sartre, ancorada no existencialismo, desvela uma perspectiva única sobre a natureza humana e sua relação intrínseca com a liberdade. Ao explorar a dicotomia entre Em-Si e Para-Si, Sartre fundamenta a existência humana como pura liberdade, destacando a ausência de uma essência pré-existente que defina o ser humano. A liberdade, para Sartre, transcende a mera capacidade de realizar escolhas; ela é a própria essência da consciência. A assertiva de que estamos “condenados a ser livres” revela a inevitabilidade da liberdade na existência humana, desafiando concepções tradicionais e propondo uma visão paradoxal entre liberdade e fatalidade. Assim, ao afirmar que o homem não pode ser ora livre, ora escravo, mas é sempre livre, Sartre conclama uma compreensão mais profunda e abrangente da condição humana, instigando a busca constante pela própria identidade e significado na complexidade do ser.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2016.
- BEAUFRET, J. **Introdução as Filosofias da existência de Kierkegaard a Heidegger**. São Paulo: Série Universitária, 1976.
- BORGESS, A. T. et al. O conceito sartreano de liberdade: implicações. **Akrópolis-Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, v. 16, n. 2, 2008.
- BORNHEIM, G. A. **Sartre, metafísica e existencialismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BURSTOW, B. A filosofia sartreana como fundamento da educação. **Educação & sociedade**, ano 21, n. 70, p. 103-126, abr. 2000.
- CAUBET, R. A. Existencialismo segundo Sartre. **Travessia**, n. 3, p. 73-80, 1981.
- COSTA, L. L. Experiência, palavra e sentido: o ensino de filosofia entre os textos da ausência e os contextos da presença. **Revista Seara Filosófica**, n. 21, p. 136-155, 2020.
- DICIONÁRIO Larousse. Barueri: Ciranda Cultural, 2004.
- DRUCKER, C. P. Husserl, Heidegger e a superação do naturalismo. **Philosóphos**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 3-23, 1999.
- FLYNN, T. Jean-Paul Sartre. **Investigação Filosófica**, v. 4, n. 2, 2013.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1975. v. 2.
- GOMES, R. W. G. M. A questão do nada em Heidegger e Sartre. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 2, n. 4, p. 259-271, 2010.
- HUISMAN, D. **História do existencialismo**. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2001.
- KIERKEGAARD, S. **O desespero humano**. São Paulo: Abril, 1973.
- MARCEL, G. **O Homem Problema**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- MEDEIROS, A. M.; PANTOJA, L. V. Filosofia existencialista e literatura engajada: entre Sartre e Simone de Beauvoir. **Clareira - Revista de Filosofia da Região Amazônica**, v. 2, n. 2, p. 16-33, 2015.
- MOUTINHO, L. D. S. **Sartre: existencialismo e liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.
- PENHA, J. **O que é existencialismo?** São Paulo: Brasiliense, 2001. v. 61. (Coleção Primeiros Passos).
- PENHA, J. **O que é existencialismo**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- PERDIGÃO, P. **Existência & liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- PILLAR, E. H. M. Além do bem e do mal: a liberdade, a pessoa e o self de Dostoiévski e dos existencialistas Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. **SLOVO-Revista de Estudos em Eslavística**, v. 4, n. 4, p. 114-140, 2022.

- PRADO JR., C. **O que é liberdade**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REIMÃO, C. **Consciência, dialética e ética em Sartre**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- SANTANA, M. R. (Org.). Nada como princípio metafísico na constituição da consciência em Sartre. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 6, abr./jul. 2005.
- SARTRE, J.-P. **A idade da razão**: os caminhos da liberdade. Trad. Sérgio Milliet. 5. ed. rev. Bertrand, Portugal: Venda Nova, 1996. v. 1.
- SARTRE, J.-P. **A imaginação**. Trad. Paulo de Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008a.
- SARTRE, J.-P. **As palavras**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018a.
- SARTRE, J.-P. **Crítica da razão dialética**: precedido por questões de método. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SARTRE, J.-P. **O esboço para uma teoria das emoções**. Trad. Paulo de Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008b. v. 50.
- SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. 3. ed. Trad. Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. Paris: Les Éditions Nagel, 1946.
- SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 1943.
- SARTRE, J.-P. **O idiota da família**. 1. ed. rev. Porto Alegre: L&PM, 2013. v. 1.
- SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 24. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2018b.
- SCHNEIDER, D. R. A náusea e a psicologia clínica: interações entre literatura e filosofia em Sartre. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 51-61, 2006.
- SILVA, L. D. **A filosofia de Sartre**: entre a liberdade e a história. São Carlos: Claraluz, 2010.
- SILVA, L. O. **O vazio existencial no homem contemporâneo**: em Jean Paul Sartre. 2022. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia) — Faculdade de Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.
- SILVA, P. C. G. **O conceito de liberdade em o ser e o nada de Jean-Paul Sartre**. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Metafísica) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.
- SOUZA, G.; BRITES, S. Ameaça humana à natureza: Apontamentos sobre liberdade e responsabilidade em Sartre e Jonas. **Cadernos Cajuína**, v. 7, n. 2, e227230, 2022.